

# ARTE-EXPRESSIVIDADE EM ATIVIDADE CURRICULAR DE EXTENSÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

## Resumo

O presente trabalho busca discorrer, através de um relato de experiência, vivências experienciadas durante os períodos letivos de 2021.2 e 2022.1 pelas autoras durante a Atividade Curricular de Extensão (A.C.E.), componente curricular obrigatório no Curso de Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus Arapiraca, Unidade Palmeira dos Índios. Intitulado “Subjetivarte”, foi uma ação que se originou diante da necessidade de transversalizar os conteúdos programáticos da disciplina de Concepções Ontológicas da Psicologia com a subjetividade dos indivíduos frequentantes de instituições e/ou comunidades. O projeto dividiu-se em dois momentos: no primeiro momento, efetuaram-se formações e oficinas destinadas aos discentes cursistas da A.C.E. e concomitantemente realizou-se visitas às instituições para que fosse possível conhecer as demandas do público escolhido por cada equipe. Em contrapartida, no segundo momento, vigente até o período da escrita deste relato, estão sendo concretizadas ações que intencionam a expressividade subjetiva dos usuários das instituições. Atrelado a isso, a obra traz a discussão sobre os desafios do percurso prático de saída da Universidade para dois espaços distintos. Inicialmente, a uma Associação de Mulheres e, em seguida, a um CAPS AD. Ressignificando. São contatos com grupos subalternizados de forma conjunta.

**Palavras-chave:** Extensão. Arte. Subjetividade. Psicologia.

**Ingridy Lara Araújo Silva** (Autor)  
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS.  
**Celenice Moraes de Souza**. (Autor)  
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS  
**Luan Angelo Amorim**. (Autor)  
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS  
**Ranielli Oliveira Barbosa** (Autor)  
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS  
**Lidiane dos Santos Barbosa** (Autor)  
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE ALAGOAS

Submetido em OUT/2022.  
Aceito em NOV/2022.  
Revisado em NOV/2022.  
Publicado em DEZ/2022.

## **INTRODUÇÃO: DE “ATIVIDADE CURRICULAR DE EXTENSÃO (ACE)” PARA SUBJETIVARTE**

O presente trabalho tem como objetivo principal discorrer, através de um formato de relato de experiência, as nossas vivências acadêmicas-ativas que estão ocorrendo durante os períodos letivos de 2021.2 e 2022.1 em meio a aplicação das Atividades Curriculares de Extensão 1 – A.C.E. 1, Fase 1 e Fase 2, componentes curriculares obrigatórios do curso de graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Unidade Palmeira dos Índios.

Como fruto da disciplina de A.C.E., o projeto “Subjetivarte”, ministrado e idealizado pela Prof.<sup>a</sup> Ma. Lidiane dos Santos Barbosa, surgiu da necessidade de relacionar os conteúdos programáticos da disciplina de Concepções Ontológicas da Psicologia com as expressões subjetivas dos sujeitos frequentantes de instituições e/ou comunidades. Para o início da realização do projeto, a professora dividiu a turma em grupos e neste contexto, cada um destes grupos teve a liberdade de escolher com qual instituição queria colaborar, trabalho que seria bifurcado em dois momentos.

Na primeira etapa, dada no período 2021.2, ocorreu a formação teórica e artística, na qual as equipes realizaram momentos internos de estudo de conteúdos transversais, oficina de arte, palestras, vídeos e, simultaneamente, visitaram as instituições, para que fosse possível conhecer as demandas do público e estreitar laços. Já no segundo momento, período 2022.1, vigente até o momento da escrita deste relato, iniciou-se a execução do projeto com a realização de ações que têm o objetivo promover a expressividade de subjetividade através da arte nessas instituições/comunidades a partir das demandas que foram recolhidas no período anterior.

Com o intuito de facilitar a organização do projeto, houve a divisão e a criação de comissões que viabilizassem a integração dos alunos e o devido funcionamento do projeto; estas foram instituídas e contemplavam as formações, as oficinas e a área da comunicação. Houve subdivisão interna para as demandas do projeto para a criação de uma conta no Instagram feita para divulgação das ações desenvolvidas e também um e-mail que permitisse a comunicação entre a orientadora e os orientandos.

Internamente, no que se refere a organização intra equipe, nos dividimos para haver pontualidade e fluidez nas visitas à instituição AMPI (Associação das Mulheres em Palmeira dos Índios). Para tal, três integrantes foram selecionadas para essa demanda, tendo em vista que moravam na cidade de localidade da instituição. E os demais que enfrentaram a dificuldade de residir na cidade vizinha Arapiraca e também questões de trabalho ficaram com a responsabilidade de redigir relatórios e trabalhar no fortalecimento das ações.

Cada equipe desenvolveu uma organização própria para realizar esses momentos, tanto os de formação quanto os das oficinas. Inicialmente, como contextualizado anteriormente, nosso objetivo era trabalhar com uma Associação de Mulheres de Palmeira dos Índios (AMPI). Então nosso direcionamento seria trazer questões relacionadas a tal universo nas nossas produções, as quais foram definidas a partir da demanda apresentada pela própria instituição. Nesse sentido, planejou-se trazer uma convidada para realizar um momento de formação com os grupos da A.C.E. sobre temáticas alusivas com recorte de gênero. Devido a problemas externos, tal atividade não aconteceu. Houve a readaptação da ação de maneira a ser realizada pelos próprios discentes da A.C.E.

Assim, fizemos algumas divisões de tarefas. Dentre elas, estava a busca de um referencial teórico que pudesse servir como ponto de partida para a formação. Escolhemos o artigo “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista” da autora Guacira Lopes Louro, que explana o processo da construção social do gênero ao longo dos anos. Também, nos debruçamos sobre a produção “Empreendedorismo como aporte para o empoderamento econômico feminino”, de Jussara Maria Lima *et al* com o objetivo de tratar mais especificamente da emancipação financeira das mulheres como um caminho para empoderamento, demanda trazida por elas nos primeiros contatos com a AMPI.

Além disso, em nossa formação interna foi realizada a dinâmica com uma nuvem de palavras, com o objetivo de sondar características que as pessoas assemelham a tal grupo. Cuidado. Determinação. Vaidade. Força. Luta. Resistência. Essas foram algumas das palavras que mais apareceram e a partir delas o grupo abriu o debate ao restante da turma, construindo uma problematização pautada no “porque essas características estão relacionadas a esse grupo?”. Foi um momento muito fluido com bastante interação e reflexão. Logo em seguida, houve a contribuição pela discussão, através da música “Ekena - Todxs Putxs”. O contexto

musical traz, como um grito de revolta, questões enfrentadas por mulheres em seu cotidiano e os estereótipos associados a isso.

Consagrado o envolvimento na nossa própria formação, nos organizamos para participar das práticas realizadas por outras equipes. Atividades envolvendo teatro, contação de histórias, com o enfoque em crianças e coisas do dia a dia, criação de arte a partir de materiais reciclados, foram, por exemplo, algumas das que nos envolvemos durante esse primeiro período de elaboração do projeto. Neste contexto, estas atividades foram de extrema importância para a nossa trajetória na A.C.E., tendo em vista que, nos subsidiaram enquanto fundamentação teórica e também prática, de forma que nos ajudou a definir como seria norteado esta experiência de extensão - um norteamento que situa os usuários enquanto sujeitos ativos deste processo.

## **O TERRITÓRIO DA SUBJETIVARTE**

Indo em direção ao que é defendido por Castro e Mayorga (2019, p.11) que faz essa alerta aos indivíduos da importância de “nos direcionarmos a um projeto ético no qual rompamos com o pacto da desumanização imposto pela colonização europeia que transformou vozes potentes em ruídos por vezes inaudíveis”, entendemos que seria importante nos posicionarmos no nosso projeto, indo contra as diversas formas de opressões que são impostas na nossa sociedade eurocêntrica branca e violenta e denunciando essas violências como forma de buscar a potencialização e tornar vivas vozes vulneráveis e marginalizadas - que cotidianamente são caladas e silenciadas.

A nossa escolha pela AMPI deu-se através de dois marcadores importantes: preferência por instituições localizadas na cidade de Palmeira dos Índios, no intuito de facilitar as visitas, pois tal opção por instituições localizadas em outras cidades implicaria no nosso deslocamento, e conseqüentemente, em uma dependência do transporte da unidade - atualmente com fragilidades econômicas. E também pela identificação com o público em questão - que sofre cotidianamente as mais diversas formas de opressões e violências. E por fim, a equipe ser composta por mulheres.

A instituição, ao escutar e receber a proposta do projeto de extensão, através do coordenador Pancho, se mostrou receptiva e aberta para que houvesse a realização. Isso foi perceptível não só pelo interesse em escutar mas também com a assinatura do termo de consentimento, contendo a explicação da proposta do projeto de forma detalhada, os nomes

das integrantes do grupo e também a disponibilidade do contato da professora a frente e responsável por nos orientar, no dia que houve a primeira visita e o reconhecimento do local.

A segunda visita aconteceu com o objetivo de recolher informações, com a utilização de um questionário não só a respeito da instituição e da organização enquanto equipe, mas também conhecer o público que seria trabalhado – através de informações fornecidas pelo coordenador -, entendendo a faixa etária vigente, como aconteciam os encontros das mulheres, o que era trabalhado e de que forma. E foi a partir dessa visita que tivemos conhecimento de que as associadas não iam a instituição com frequência, apenas nos dias que tinham entrega de cestas básicas (um programa da própria instituição que beneficia as associadas) e para realizar os cursos que são oferecidos através de parcerias como o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural). Este, geralmente, oferta cursos de fabricação de pães e de doces.

Nesse sentido, a primeira etapa do projeto de extensão, que estava voltada para a nossa preparação através de oficinas e formações, obteve sucesso e permanecemos na instituição AMPI. Entretanto, no âmbito da parte prática (após a pausa de um mês que tivemos para as férias e também em decorrência das fortes chuvas no estado de Alagoas que levou à suspensão das aulas presenciais na UFAL e a adoção novamente do ensino remoto) o contato da equipe com as associadas aconteceu apenas uma vez, no início do período letivo em setembro, através do curso viabilizado pelo SENAR para a produção de doces na própria instituição. Em decorrência disso, tivemos um contato breve com as associadas. Não foi possível conhecer o público, devido ao pouco tempo disponibilizado para que conversássemos com elas e pudéssemos conhecê-las.

Tendo em vista que as mulheres só se deslocavam até a instituição quando precisavam recolher a cesta básica ou quando iam participar dos cursos profissionalizantes ministrados pelo SENAR (considerando que não havia previsão de quando seriam realizados novos cursos), percebemos que não haveria aderência suficiente para as atividades que pretendíamos propor. Considerando nosso atraso em relação às outras equipes e que o prazo para realização das ações estava se extinguindo, informamos ao administrador da AMPI que não seria possível continuar o projeto com eles. A partir daí, analisamos as possíveis localidades em Palmeira dos Índios e decidimos trabalhar em parceria com um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), em específico, o CAPS AD Renascer, focado no atendimento de pacientes dependentes de substâncias psicoativas.

Procuramos no Google Maps. Fizemos duas visitas antes de finalmente encontrarmos sua localização exata. Três integrantes (moravam na própria cidade) fizeram esse primeiro contato. Flávia, a coordenadora do CAPS AD, nos apresentou a estrutura da instituição, as salas, setores da administração e áreas para reunião e/ou recreação dos usuários desse serviço. Explicamos para ela a proposta do projeto “Subjetivarte: oficinas e formações”. Sobre as ações que planejávamos desenvolver, explicando, ainda, porque não havíamos obtido sucesso com a AMPI. Ela demonstrou contentamento com o planejamento. Solicitou que entrássemos em contato com Marcos - o psicólogo responsável. E que, preferencialmente, fosse a professora da A.C.E a fazer essa comunicação.

Após a professora Lidiane contatá-lo, combinaram uma reunião entre nós e toda a equipe que deveria ocorrer em meados de setembro. Nela, nos apresentamos e fomos apresentadas aos profissionais que ali trabalhavam, expomos nossos objetivos e aproveitamos para compreender sobre o funcionamento da instituição: o perfil dos usuários daquele serviço, a frequência dos grupos, que tipo de atendimento estava disponível para eles, etc. A partir daí, discutimos possíveis dias e horários para realização das ações, priorizando a segunda-feira por não termos atividades presenciais na faculdade.

### **Materiais e métodos**

Pretendemos, a partir da participação ativa dos usuários desta instituição, constituir a arte enquanto expressão simbólica e com presença de espontaneidade, de forma que se possa, de acordo com Silveira (1986), restabelecer as relações dos sujeitos com o meio e re-existindo estreitando laços com si mesmos. Consideramos que estes usuários, enquanto sujeitos ativos e autônomos, conforme Silva, Moura e Santos (2021, p.3), “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, nomear suas histórias.” (apud HOOKS, 1984, p. 42).

Para tanto, a nossa presença no CAPS AD Renascer se efetua enquanto papel de mediação e facilitação durante a realização das ações, potencializando o outro e buscando a retomada de um reconhecimento e visibilidade dessas “vozes ‘frequentantes’” da instituição, sujeitos ex-usuários de drogas e de substâncias psicoativas, comumente excluídas, marginalizadas e silenciadas nos diversos âmbitos da sociedade.

### **Resultados e discussões**

Após estabelecido o contato com o CAPS AD e a visita com a professora orientadora, com o objetivo de apresentar o projeto, a nossa equipe - juntamente com os profissionais da Psicologia e Serviço Social da instituição - marcou o encontro com os ex-usuários para a quinta feira a tarde. Dia que pela manhã funciona o grupo chamado “Ouidores de Vozes” que, como o nome sugere, atende pessoas que durante o processo de abstinência passam a ter alucinações auditivas. Entretanto, não houve adesão destes ao projeto. Duas semanas seguidas, elaboramos estratégias e realizamos convites às pessoas frequentadoras do CAPS AD apresentando o projeto. Ouvimos as demandas dos sujeitos e, a partir daí, traçamos um planejamento estratégico, tendo em mente as limitações da universidade pública.

Essa dificuldade inicial revela claramente os entraves para se ter acesso à saúde pública no país. Isso porque foi esclarecido pela equipe do CAPS AD que a adesão está baixa em atividades que acontecem no segundo horário por falta da oferta de almoço, o que um dia já foi oferecido e atualmente não é por questões de dificuldades financeiras da própria instituição. Assim, torna-se inviável para a pessoa que participa da atividade durante a manhã ficar para a tarde sem refeição alguma como também ir para casa e, após isso, se deslocar novamente para poder continuar as práticas de prevenção e redução de danos.

Nesse sentido, concluiu-se que seria mais viável o envolvimento em outro grupo de trabalho que acontecesse preferencialmente durante a manhã. O dia escolhido, por questões de disponibilidade e relação do tema com a proposta do projeto da A.C.E., foi segunda-feira - dia em que acontecem as reuniões do grupo de Educação e Saúde, constituído pela equipe de profissionais da Enfermagem e Psicologia. O primeiro contato com o grupo foi somente para apresentar a proposta e ouvir as demandas das pessoas que se relacionassem com o projeto. A animação das pessoas foi grande e surgiram propostas bem diversas, como aulas de pinturas, ações envolvendo a música e artesanato.

A partir dessa demanda, foi possível a equipe se reunir para conseguir criar um planejamento a partir das nossas condições. Isso posto, foi optado por realizar as próximas ações com o enfoque na música, tendo em vista a falta de recursos financeiros para a realização das ações. As possibilidades para se trabalhar com essa forma de arte são múltiplas. Construímos dinâmicas que podem ser realizadas a partir da escuta da música e a realização de partilha de sentimentos. Além disso, outra possibilidade construída como ação é a exibição

de músicas, junto com seus clipes, para abrir temáticas de discussão, levantada em cada exemplo musical.. Ademais, a inserção de aulas de capoeira e toada para serem ofertadas em um dos encontros se tornou uma das ideias. Por fim, importante ressaltar que nesses encontros planejados estão atividades de integração para que o grupo de pessoas que frequentam o CAPS AD possam se familiarizar com a equipe do projeto e se sentir confortável para compartilhar suas questões.

Até então, apenas o primeiro encontro foi realizado. Foi aplicada uma dinâmica denominada de “Caixa de Fotos” que consiste em juntar fotos dos ex-usuários em uma caixa e perguntar o que cada pessoa acha de quem ver na foto da caixa. Essa é a explicação passada para o público, mas na verdade dentro da caixa contém um espelho, com o objetivo de fazer com que a pessoa fale de si. A maioria dos participantes respondeu que estava vendo uma pessoa; outras disseram ver uma pessoa legal, porém outra já disse que enxergava alguém necessitando de ajuda e, posteriormente, outro indivíduo comentou estar se deparando com alguém triste.

É muito impactante se deparar com essas falas em uma primeira ação, não só pelo peso que elas carregam individualmente, mas também pelo contexto em que elas são ditas. Isso porque foi perguntado às pessoas se estavam confortáveis para falar como se sentiam. Inicialmente ambas negaram, mas no decorrer da dinâmica houve mais abertura e retornaram ao assunto. Nesse momento, a participação da equipe de profissionais, tanto de Enfermagem quanto de Psicologia, é crucial para tornar o momento mais leve - uma vez que já possuem contato com aquele grupo e estão inseridos na dinâmica há mais tempo. Por fim, após o encerramento da ação, houve um momento de troca e avaliação com a equipe de profissionais da instituição.

## **CONCLUSÃO**

Assim sendo, gostaríamos de destacar que, apesar das dificuldades encontradas durante nossa primeira tentativa de parceria com dada instituição, foi uma experiência bastante enriquecedora, já que nos dedicamos para desenvolver nossa autonomia, comunicação, organização e trabalho em grupo.

Compreendemos a A.C.E como uma oportunidade ímpar de conhecer a parte prática do curso - já que até então só havíamos nos defrontado com as abordagens e teorias da Psicologia -; e de experienciar um trabalho colaborativo, no qual, ao invés de impor



determinadas práticas presumindo já conhecer as necessidades daquele grupo, dialogamos com seus integrantes, questionando seus interesses, privações e desejos, e a partir daí pensar coletivamente determinadas ações.

Ademais, mesclar expressões artísticas com esse processo de construção de subjetividades foi um processo desafiador para algumas de nós, pois houve aquelas que não estavam familiarizadas com produzir arte, por exemplo. Simultaneamente, a partir da investigação sobre o desenvolvimento de subjetividades através da arte, este componente curricular (A.C.E) nos auxiliou a explorar nossa própria subjetividade, nos fazendo crescer para além dos muros da Universidade.

Por ser um trabalho em andamento, esperamos assimilar outros aprendizados futuramente. Quem sabe transformando essas experiências em produções acadêmicas, estudos ou até mesmo pensando em formas alternativas de devolvê-las e ampliá-las para outras comunidades externas, tornando o fazer psicológico mais democrático e diversificado, de modo que consiga alcançar todos/as, especialmente aqueles grupos que estão marginalizados e socioeconomicamente vulneráveis.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Ricardo Dias de; MAYORGA, Claudia. Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 14, n. 3, p. 11-18, jul./set. 2019.

EKENA. **Todxs putxs**. São Carlos: Rancho Rockefeller, 2017. 1 CD (6 min).

LIMA, Jussara Maria *et al.* Empreendedorismo como aporte para o empoderamento econômico feminino. **Rev. Tecnol. Soc., Curitiba**, v. 17, n. 48, p.251-266, jul./set. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **Uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36.

SILVA, Roseane Amorim da; MOURA, Renata Paula dos Santos; SANTOS, Antonio César de Holanda. Narrativas (des)construídas como tarefa política da pesquisa participativa decolonial. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.12, n. 2, p. 147-160. jul./dez. 2021.

SILVEIRA, Nise da (org.). **Casa das Palmeiras: A emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.